

Memória Patrimonial: estudo arqueológico dos Carimbos Postais do Brasil

Tom O. Miller

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹

e-mail: tomiller@bol.com.br

Resumo

Após uma exposição geral dos aspectos históricos, funcionais e formais do Carimbo Postal e o seu significado, o autor esboça a sua pesquisa sobre o assunto desde meados da década de 1980, com uma inédita visão panorâmica da evolução do Carimbo Postal no Rio Grande do Norte e no Brasil em geral. Conclui com recomendações para promover a captação, preservação e pesquisa de acervos deste aspecto totalmente esquecido da nossa memória patrimonial.

Palavras-chave

Patrimônio Histórico do Rio Grande do Norte, Carimbos Postais, Arqueologia, Filatelia

¹ Professor doutor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Departamento de Ciências Sociais – agora Antropologia – e Museu Câmara Cascudo). Realizou pesquisas e publicou nos Estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Pernambuco e Rio Grande do Norte, além do Exterior. Em 2007 foi homenageado como “Pioneiro de Arqueologia Paulista” numa Universidade Paulista (Piracicaba) e por “Merecimento Científico” no Congresso Internacional de Arqueologia em Florianópolis, e a sua tese de doutoramento está sendo republicado como “Clássico da Arqueologia Brasileira” pela Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB.

1 Introdução

Há muito que estudiosos de diversas especialidades vêm procurando meios ou mecanismos para atingir uma compreensão da realidade que nos envolve. A ciência procura relações significantes entre os fenômenos do Universo, para tentar torná-lo mais comprehensível, ao reduzir a grande mixórdia de fenômenos isolados para um número menor de classes de fenômenos, o que, afinal, é o que faz também a própria linguagem. Quando os arqueólogos fazem isto, o procedimento se chama “tipologia”.

Os lingüistas procuram fazer o mesmo com a confusão de sons e palavras, reduzindo a fonologia e a gramática de uma linguagem a uma série de classes de unidades, cada uma com o seu rótulo e com a natureza do seu significado definido.

Os estudiosos da cultura procuram as unidades de significado na compreensão dos membros de uma sociedade em estudo, sem se preocupar se essas unidades são ou não iguais às do Universo real e objetivo, o que representa outros problemas inteiramente diferentes.

Partindo desse ponto de vista, pretendemos enfocar um aspecto totalmente negligenciado do nosso Patrimônio Histórico – os Carimbos Postais.

1.1 – Metodologia e Propósitos

Metodologia Arqueológica

A nossa metodologia fundamental é a da tipologia arqueológica (MILLER, 1969), que tem como objetivo a reconstituição da idéia, ou modelo, na mente dos idealizadores artesãos, do objeto coletivamente manufaturado, mesmo sendo estes desconhecidos ou falecidos. Os dados são ordenados em fichas padronizadas com ilustração do carimbo feita no computador através do Programa “Adobe Foto Shop”, para remover as cores do selo, deixando somente o preto do carimbo. Esses dados são codificados (na própria ficha) e depois transferidos para tabelas a fim de serem quantificados.

Através das tabelas, são feitas matrizes de co-variação. Para variável independente principal, usamos o tempo. Isto porque variáveis inerentes ao carimbo podem mudar em função do tempo. Obviamente, este não vai mudar em função dos carimbos. Os dados das matrizes são submetidos a testes estatísticos de nível de significado das diferenças, principalmente χ^2 (ver nota nº 1 no fim do trabalho).

Afora a sua forma física, a qual fica determinada por idéias prévias sobre o modelo adequado para um carimbo, o próprio carimbo transmite informação. Para a análise deste aspecto, usamos um modelo lingüístico, com unidades morfo-fonêmicas de discurso. Além do mais, estabelecidos os padrões, estes foram mapeados nas suas distribuições através do tempo e do espaço físico, delineando-se, assim, de forma final, as distinções entre os estilos universais e locais.

Por outro lado, foi necessário preparar e publicar uma série de artigos para jornais e revistas locais e regionais sobre a importância e o interesse deste aspecto do nosso patrimônio. Ao mesmo tempo, procuramos entrar em contato com repartições públicas e firmas comerciais, para solicitar a entrega a todos os que estão associados a este estudo dos envelopes com carimbos, que, de outra maneira, iriam para o fogo. Para a captação de carimbos mais antigos, procuramos entrar em contato com professores de História e de Ciências, para promover atividades de coleta e pesquisa por grupos colegiais, especialmente no interior, como exercício em pesquisa científica.

Finalmente, procuramos estabelecer redes de comunicação e de transferência de informações e amostras através de grupos e organizações pelo País afora. De suma importância aqui são as associações filatélicas que existem em diversas partes do País, especialmente aquelas que têm publicações tradicionais (p. ex., São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina), e outras entidades educativas e administrativas. Consideramos de grande importância a criação de uma ciranda de divulgação de informações entre interessados, pela Internet, e um Site ou uma *Home Page* para facilitar a transferência de informação entre grupos interessados em Memória Patrimonial, para esta e outras pesquisas na área.

Urgência

Consideramos urgente a divulgação deste trabalho por causa da urgência em relação à necessidade de salvar o nosso patrimônio em desaparecimento. Os Carimbos são tão comuns que parece desnecessário pensar em salva-los. Entretanto, é justamente por isso que vão todos para o lixo, e daí para o fogo. Assim, apesar dos altos números da sua produção, desaparecem, todos destruídos, para sempre. Provavelmente, para milhares de carimbos usados no passado, produzindo centenas de milhares de

impressões cada, já não existe nenhuma cópia, ou, se tiver, estará num baú no porão de alguém, esperando para ser jogado no lixo.

Portanto, duvidamos que os carimbos do Rio Grande do Norte já cadastrados por nós cheguem a mais de que 20% dos que realmente existem ou que já existiram. Só para um exemplo: o primeiro correio da Vila de Acary (RN) foi autorizado em 1836. Mas o carimbo mais antigo desta cidade que temos em mãos atualmente data de 1969, 133 anos mais tarde. Carimbos datadores entraram em uso por volta de 1860, e o mais antigo que posso do Rio Grande do Norte é de 1884, 93 anos antes do primeiro de Acari. Os cinco tipos de carimbos de Acari dos quais temos exemplares abrangem um período de 20 anos. Pode ter havido mais durante o período, porém não encontramos nada. Isto significa 5 tipos por 20 anos. Se contarmos de 1900 a 2000, em 5 tipos a cada 20 anos, haveria 25 tipos em vez de 5. Multipliquemos isto pelo número de cidades deste País enorme, para ver o tamanho do desastre que temos que amainar, através da pesquisa e do colecionismo, da captação e do armazenamento.

A situação, porém, é mais complicada ainda. Onde há mais filatelistas, há maior taxa de sobrevivência de selos e outro material filatélico. Isto significa que é mais fácil pesquisar ou colecionar os Estados do Sul e Centro-Sul do que o resto do País; no Norte e Nordeste, a taxa de sobrevivência de impressões de carimbos se aproxima muito do zero.

Patrimônio em Geral

Já comentamos, em outro lugar, que uma das características notáveis do nosso País é a falta de memória histórica e cultural. Os sambaquis do Sul viram revestimento de estradas, as pinturas rupestres do Nordeste viram cal, e as igrejas e outros prédios históricos são derrubados em vez de tombados. Arquivos de prefeituras são queimados, enquanto depósitos de documentos históricos viram pasto de cupins e traças, ao mesmo tempo que florestas milenares são devastadas para produzir mais papel que, afinal, só vai ser incinerado; isto se não simplesmente entregue aos cupins.

Visto que as decisões sobre o futuro são baseadas na experiência do passado, um povo sem passado (sem memória coletiva) dificilmente poderá projetar um futuro coerente e harmonioso com as suas condições reais. Protegendo hoje esses objetos e

vestígios do passado, estaremos salvaguardando e garantindo a compreensão e perpetuação da nossa memória social futura.

A memória patrimonial, inclusive as suas manifestações materiais, está rapidamente desaparecendo, precisando ser resgatada e protegida. O importante é conservar as evidências do passado e comunicar a informação à equipe de resgate da memória do povo da UFRN ou outras autoridades, colaborando com esta ou desenvolvendo as suas próprias pesquisas.

1.2 Carimbos como um caso específico

Preocupados com o desaparecimento desordenado do pouco que ainda resta destes vestígios, cientistas, historiadores, educadores e administradores devem fazer um esforço urgente para começar a recuperação, preservação, análise e divulgação desse nosso patrimônio coletivo. Precisamos de sua ajuda para conservar o seu patrimônio histórico e memorial. Aqui uso o carimbo postal como exemplo de patrimônio histórico totalmente negligenciado.

Os carimbos podem ser vistos arqueologicamente em termos do conceito de “tipos” definíveis e, portanto, separáveis, passíveis de descobrimento através de análises de fatores induzidos pelos testes estatísticos de associação e de nível de significado de associação.

Para os arqueólogos, há duas vertentes do pensamento sobre o que seria ou não um tipo. Alguns consideram que o trabalho tipológico procura “descobrir” uma realidade inerente nos dados: a chamada “idéia atrás do artesão atrás do artefato.” A outra vertente considera que os tipos são um artefato do investigador, feito de acordo com a espécie de informação que ele procura.

Portanto, para o arqueólogo, o objeto (“artefato”) e os seus atributos descritíveis, discretos (presença ou ausência de uma determinada característica) ou contínuos (métricos) não são suficientes em si, precisa-se adicionar os atributos contextuais: localização no tempo (p. ex., ano) ou espaço (dentro do qual Estado ou DR), os modos de uso e os conceitos a respeito, especialmente sobre a adequação para o uso.

Para os lingüistas, os sons se aglomeram em conjuntos (alofones) de sons cuja variação seria uma função do ambiente fonético e hábitos considerados adequados pelos membros de uma sociedade falando aquela língua, mas que teriam um mesmo significado (fonema ou morfema). Os fonemas e os morfemas constituem classes de fenômenos intercambiáveis, cuja mudança, porém, implica uma mudança de significado. Tal estrutura da língua existe independentemente de qualquer idéia desta que possa (mas que provavelmente não vai) existir na compreensão consciente de quem fala a língua em questão.

A padronização dos carimbos através dos anos, em todo o Brasil, indica que o Departamento (ou Empresa, dependendo da época) de Correios encomendava os carimbos de fornecedores através de contratos. No entanto, fomos informados de que não existem registros desta informação. Este trabalho é a nossa tentativa de, entre outras coisas, reconstituir esse dado.

Sobre este padrão como estrutura, certas variações são consideradas aceitáveis e outras não, e o que for aceitável hoje pode não ser amanhã. As variações aceitáveis são: uma placa em volta da data, orelhas e assim por diante, mas não desenhos ou figuras, a não ser no caso de carimbos comemorativos, fora da nossa consideração aqui.

Às diferentes combinações dessas variáveis, consideradas adequadas e aceitáveis num determinado período, chamamos de “classes”; às suas variações regulares e repetidas, “tipos”, e às variações menos comuns destes chamamos de “variedades”.

Deste modo, os fenômenos observados podem mostrar continuidade com mudanças através do tempo, o que significa evolução, ou através do espaço, o que significa o seu alastramento e a sua aceitação. Tais fenômenos também podem mostrar descontinuidades, por exemplo no espaço, no caso dos tipos encomendados localmente por uma Diretoria Regional mas não usados no âmbito de outra. Ainda podem estes mostrar descontinuidades temporais, como a substituição da idéia da data ficar em três linhas por outra, onde a data fica numa linha só. Outra descontinuidade é aquela onde, na legenda inferior, a Unidade da Federação é substituída pela palavra BRASIL, acarretando a necessidade da indicação da UF ou DR em outro lugar, em geral entre as legendas superiores e inferiores, na forma de “orelhas”.

O carimbo como objeto manufaturado é a materialização de uma idéia original, embora numa população de carimbos encontremos muita variação. E, mesmo que o autor dessa idéia original tenha falecido, esta pode ser reconstituída através do emprego de técnicas adequadas. É o que pretendemos fazer.

Antes de ir mais adiante, vamos remover uma ambigüidade em potencial. Quando se fala em Carimbo, há duas coisas às quais se possa estar referindo: primeiro, a um artefato com uma figura entalhada, que, ao ser molhado com tinta, poderá ser usado para estampar tantas cópias da referida figura quanto o papel e a tinta comportarem. Segundo, à cópia da figura estampada no papel. Neste estudo, estamos trabalhando com as figuras impressas, não com o aparelho que faz a impressão.

Antecedentes

Só existem três estudos (pouco divulgados) de carimbos postais do Brasil. O trabalho pioneiro é de Paulo Ayres (1937), que usou, para classificação, um modelo naturalista, como as chaves de classificação biológica. Ayres limitou o seu universo de estudo aos carimbos do Império. Um estudo parcial, que era para ser inicial, foi mimeografado em 1984 por Vitor Petrucci. Este não desenvolveu uma tipologia, apenas um código para classificação, na forma de um quadro de permutações e combinações, sem nenhuma quantificação e sem testes de nível de significado. O trabalho de C. Almeida (1989) é apenas um catálogo comentado de carimbos existentes no Museu Postal do Brasil. As suas ilustrações não podem ser aproveitadas porque as datas dos carimbos – um conjunto de variáveis importantíssimo – foram removidas. Almeida também se limitou a tratar os carimbos do Império.

Na década de 1980, trabalhando com outros artefatos arqueológicos e históricos do nosso Patrimônio, a questão dos carimbos postais chamou a nossa atenção como um aspecto totalmente negligenciado do Patrimônio Histórico do País. Registraramos uma pesquisa sobre o assunto no Museu “Câmara Cascudo”, em 1990, e finalmente publicamos o primeiro resultado parcial em 2001 – de fato, a primeira tentativa de classificação de carimbos postais do Brasil do século XX e a primeira tentativa de resgatar e publicar informação sobre a memória patrimonial de telecomunicações do estado do Rio Grande do Norte. Devido ao fato de o nosso acervo de amostras ser pequeno

(naquele momento, pouco mais de 2500 exemplares do País inteiro) para resolver definitivamente as questões em pauta, começamos a perceber que era necessário fazer uma nova análise com uma amostra mais ampliada.

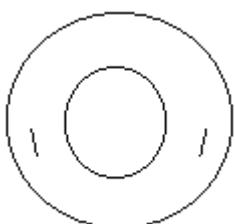
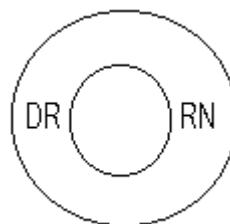
A idéia atrás do carimbo

Originalmente, a taxa de serviço para transportar correspondência foi cobrada ao destinatário, sendo que o remetente podia pagar (pré-franquear), caso desejasse, e, neste caso, a carta era carimbada com a palavra “FRANCA”. Previa-se, também, a existência de outros carimbos - para atender ao que estabelecia um alvará 1798 (citado por Almeida): *as cartas serão marcadas com o nome da terra em cujo Correio forem lançadas.*



Em 1840, a Inglaterra promoveu uma reforma postal, ao aceitar o Projeto de Sir Rowland Hill, pelo qual os Correios forneceriam selos para pré-franqueamento da correspondência, o que diminuiu os custos de cobrança, possibilitando, assim, a redução das tarifas. O êxito foi tanto que logo muitos outros países adotaram a reforma. O Brasil foi o terceiro a adota-la, em 1842, (o segundo, a Suíça), estabelecendo também que tais selos deviam ser inutilizados para evitar o seu reaproveitamento. Tal inutilização devia ser feita através de carimbos que já estavam em uso para indicar o local de origem e o de recebimento. No entanto, muitas vezes tal processo era feito à mão, com uma pena ou outra forma de marcar. Frente à falta de carimbos e o custo para o governo produzi-los em massa, em 1843 os administradores dos Correios, nas províncias, foram autorizados a mandar fazer carimbos, que deveriam indicar, nominalmente, as agências e a data.

Uma vez que o carimbo é um documento que identifica o local e a data da expedição da carta, ele deve ser legível. Infelizmente, isto freqüentemente



não se dá. Muitos funcionários dos Correios usam-no de qualquer maneira, “obliterando” literalmente o selo, fazendo com que a impressão seja ilegível e o selo inútil para o colecionador, e ainda prejudicando o próprio instrumento.

Ora, antes de alguém manufaturar e usar um objeto material, deve primeiro ter uma idéia sobre tal objeto e o seu uso. E mais: de que essa idéia não brota do nada, pois sempre há uma idéia anterior que serve de base para a nova. Como mostrou o antropólogo H. Barnett, novas invenções (idéias) são novas recombinações de elementos velhos numa nova configuração. A idéia do carimbo tem uma longa história e uma parte da sua evolução pode ser traçada.

Muitos povos tribais ou de chefias fazem carimbos para estampar desenhos nos seus corpos ou em objetos, tais como panos. Na Suméria, na antiga Mesopotâmia (Iraque) de milhares de anos atrás, os documentos foram escritos por marcas impressas em tabletas de barro. A autenticidade do documento era garantida através da impressão, no documento de barro, de um cilindro roliço com figuras do soberano, um deus apropriado ao contexto, e uma inscrição explanatória sobre a autoridade prestando tal garantia. O Estado ou o seu soberano também garantiam a qualidade das medidas de metais, na forma de lingotes, através de uma marca indicativa.

Posteriormente, medidas fracionais de metais foram derretidas e estampadas (“cunhadas”) por um objeto semelhante ao cilindro roliço, embora usando-se a ponta em vez da superfície roliça. A marca de garantia era um retrato do soberano ou o símbolo do Estado responsável, e umas letras ou uma inscrição de pequena porte, para confirmar a identidade da autoridade que garantia a qualidade da tal moeda.

Na Idade Média, era muito comum que as autoridades, civis e eclesiásticas, estampassem uma garantia de autenticidade em documentos, inclusive correspondência e cartas (letras) de crédito (ancestrais das cédulas de dinheiro) com um desenho, freqüentemente as letras fantasiadas do seu nome, entalhadas na ponta de um cilindro ou numa pedra grande de um anel (sinete).

Mais tarde ainda apareceram empresas (tais como Tour e Tasso, na Europa) que levaram a correspondência, carimbada pela empresa com uma indicação do local de origem e, uma indicação de se for pré-pago ou não. Com o surgimento do selo postal pré-pago (levando a sua marca de garantia – retrato do soberano ou algum símbolo do

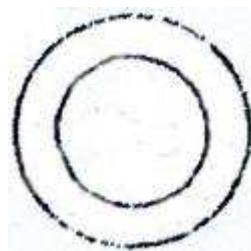
Estado, tal como o brasão), o carimbo serviu para (1) inutilizar o selo para reuso, e (2) indicar o local onde a correspondência tinha sido processada.

Assim, esses carimbos já tinham uma forma pré-concebida, fruto da sua história. A maioria tinha a forma circular da moeda ou do sinete (a ponta do cilindro), uma inscrição identificando a autoridade do processador (agência do Correio, administração central do Estado ou região), e a data de processamento no meio. Como esta idéia central se modificou através do tempo, sem violar o modelo básico, vamos ver mais adiante.

A Anatomia do Carimbo Postal Datador

A forma mais comum de carimbos é circular, embora existam também com forma quadrada ou oval. Vamos observar a “anatomia” do carimbo, para delinear classes de fenômenos e definir as suas características e variações.

- I. O Círculo Externo, medido pelo diâmetro máximo em milímetros.
- II. O Círculo Interno, também medido em milímetros, só que, neste caso a medida pode ser de zero (0) se o círculo em questão não estiver presente.



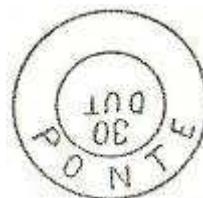
Em geral, através do tempo, o tamanho dos círculos tende a crescer. Entre os fatores que podem influenciar neste fenômeno, inclui-se a forma da data, pois as datas em três linhas são mais fáceis de se condensar sem prejudicar a leitura, de que as de uma linha só, mais comprida, se isto for para ser legível. Com queda de popularidade dos carimbos com data em três linhas, no fim da década de 1940, o diâmetro dos carimbos passou a aumentar com o tempo, embora nem sempre isto se dê. Às vezes pode-se aumentar apenas o diâmetro do Círculo Interno, estreitando-se o espaço para as legendas. Neste caso, é bom uma expressão (índice ou porcentagem) do tamanho do Círculo Externo, em relação ao do Interno. Também pode-se até eliminar o Círculo Interno.

Até o fim da década de 1980, os carimbos de plástico ou vinil foram aperfeiçoados até o ponto de, também eles, utilizarem letras pequenas. Nessa época, também entrou o uso de alguns carimbos com círculo externo duplo, com ou sem um círculo interno. Já havia alguns exemplos na segunda metade da década de 1970, com círculo externo duplo, tendo a parte de fora trabalhada com desenho, como uma roda dentada, e com o círculo interno ausente, ou seja, tamanho zero. Esses carimbos foram feitos de borracha ou de plástico mole, sendo a letra grande. Na década de 1990, carimbos deste tamanho e com Círculo Interno zero foram re-introduzidos para o País inteiro e em grande variedade.

III. A Legenda Superior constava normalmente do nome da cidade (agência) ou serviço, identificando-se a forma e o tamanho das letras (fonte). Aqui utilizaremos a classificação dos tipógrafos presente no Programa do Windows: o seu tamanho sendo em pontos (*points*: 16 pts. = 4mm).



IV. A Legenda Inferior: normalmente referia-se à indicação da Unidade da Federação (Estado), sendo medida da mesma maneira forma que no caso da Legenda Superior.



Em determinado momento, apareceram certos carimbos com uma única legenda toda em volta, sem separação em “superior” e “inferior”, com os dizeres separados por traços iguais aos usados em certas orelhas.

Através do fim do século XIX e a primeira metade do século XX, aumentaram-se os serviços especiais dos Correios, fazendo com que se considerasse necessário que estes fossem indicados nas legendas do carimbo. Exemplos de tais serviços são: o “Correio Urbano”, o qual consiste de cartas depositadas nas caixas de recolher; “Expressa”, “Posta Restante”, “Registrado”, “T” ou “Taxa”, “Serviço Aéreo” e “Tesouraria”, além de referência às turmas de expedição ou seções (de 1^a a 4^a, dependendo da hora; ou “Manhã”, “Tarde”, “Noite”). No Rio de Janeiro (Distrito Federal), também houve postos ou agências do Correio específicos para os diversos Ministérios de Governo, cada um com

o seu próprio carimbo. Nas décadas de 1960-1970, a maioria das indicações de serviços ou equipes especiais caiu, paulatinamente, em desuso.

V. As Orelhas: uma separação entre as duas legendas, podendo ser um traço vertical (Petrucci chama a estas de “anuladores”); um desenho como uma estrela ou um quadradinho (P. Ayres chama de “floretes” e Petrucci de “florões”), ou uma indicação escrita como “DR” (Diretoria Regional), “RN” (Rio Grande do Norte), etc.; ou, ainda, uma combinação destes. Aqui, também, pode-se medir a fonte. No século XIX e começo deste, a separação foi feita ao colocar a indicação da Unidade da Federação (na Legenda Inferior) entre parênteses, o que, efetivamente, constitui uma separação. Nós não chamamos a isto de “orelhas” porque a sua direção não é diferente da das duas legendas, incorporando-se na (normalmente) inferior.



VI. A Placa ou quadro separado no meio serve para indicar alguma coisa, normalmente a data, sendo que a placa (à qual Petrucci chama de “caixa”) se mede pela largura, indicando também se a extensão é apenas até o Círculo Interno. ou se atravessa este até o Círculo Externo; também pode ser flutuante (sem se ancorar num círculo)

VII. A Data: pode ser em uma linha, duas ou três, podendo o mês ser indicado por letras (“DEZ” ou “SET”), por algarismo ou número arábico, ou número romano. No caso das datas em três linhas, algumas trazem a indicação do mês em letras maiores de que as do dia e do ano. Pode-se medir também a fonte.

VIII. Em certos casos de máquinas automáticas de cancelar envelopes, pode haver uma bandeira ao lado dos (ou entre) círculos.

Na década de 1930 (ou em 1922?), foram introduzidos cilindros roliços, tendo um círculo pequeno com placa e legendas, para ficar bem legível, e uma “bandeira” de linhas paralelas, retas ou ondulantes, para obliterar o selo. Posteriormente (décadas de 1970-1980), foram introduzidas algumas máquinas mais sofisticadas, para franqueamento ou para um cancelamento mecânico dos selos nos envelopes, através da bandeira, à direita dos círculos com legendas.

Informação comunicada pelo Carimbo

O que é que se inscreve num Carimbo Postal e por quê? Em primeiro lugar, o carimbo tem uma série de características físicas que incluem possibilidades e limitações, de modo que servem de determinantes positivos e negativos do que pode ou não ser inscrito. Por exemplo, o carimbo é um objeto que deve caber na mão para o manuseio; também deve ser resistente para “suportar” os maus hábitos de muitos funcionários do Correio, que acham que carimbar uma carta exige muita força, o que termina por provocar desgaste no objeto. O fato de o único modelo de carimbo ainda ser de aço, fornecido em nível nacional, reflete este determinante. Destacamos que a informação transmitida deve preencher as funções do carimbo, as quais são, como já vimos, a de inutilizar o selo e de informar sobre o lugar de origem da peça postal. A primeira função é apenas mecânica, sendo a segunda informativa. Com o passar do tempo, mais informações passaram a entrar no propósito do carimbo, até este ficar praticamente sobrecarregado de mensagens.

Assim, passou-se a incluir também as atividades das quais aquele carimbo participou. Exemplos vistos são Coleta, Correio, Correio Aéreo, Expediente, Expresso, Exportação, Guichê, Registrado, Taxa (devida), Telégrafos, Tesouraria, etc.

Originalmente, a idéia parece ter sido de identificar o lugar de origem (ou de passagem ou recebimento), com o nome da cidade ou agência numa legenda, normalmente a superior, e a Província (Estado, Unidade da Federação –



UF) na inferior, a data ficando no meio. Petrucci chama de “dizeres” o que Ayres chamou de “legendas”. Vamos usar o termo de Ayres.

Logicamente, não se precisava separar as duas legendas, podendo-se simplesmente escrever em volta do círculo todo, o que, em certas épocas, foi o que aconteceu. Isto significa que, enquanto uma parte da legenda estava “em pé”, visível, a outra estava invertida, precisando-se girar o carimbo para se ler tudo. Talvez, por isso, tenha acabado predominando a preferência por uma legenda superior, que pode ser lida da esquerda para a direita, e uma inferior, que pode ser lida da mesma forma: esta curva para baixo e aquela, para cima.

Em certos casos, uma variável entre os fenômenos observados pode ser dependente de outra, a independente. Trata-se do caso onde houve a introdução da data numa linha só, o que passou a exigir o aumento do espaço dentro dos círculos, portanto do diâmetro. A altura das letras, claramente, depende da diferença entre os diâmetros dos círculos externo e interno. Também, em termos de letras, é mais fácil usar letras largas para UBÁ de que para ITAPECIRICA DA SERRA.

Mas, com o aumento de informação incluída no carimbo, entra a questão da sua organização. Para analisar esta questão, utilizaremos um modelo lingüístico.

O nosso Modelo

Nas línguas indo-européias, o discurso se organiza em sentenças, e estas se organizam de acordo com regras pré-estabelecidas, mas implícitas. As categorias do discurso incluem os nomes das coisas (substantivos), qualificadores descritivos (adjetivos, advérbios), indicadores da ação ou do estado dos substantivos, ou seja, os verbos, preposições, conjuntivos, e uma classe vaga de artigos ou qualificadores em forma de título.

Primeiro, podemos eliminar os verbos do nosso modelo, pois não há verbos nos carimbos, cujas mensagens são apenas de identificação de quem, quê, onde e quando. Os modificadores são poucos e raros (Correio Geral; Tráfego Postal), e as preposições também (Correio de Campinas; 5 H. da Tarde).

As categorias importantes, portanto, são os substantivos, divididos em (1) nome da agência ou cidade, (2) da UF, (3) do serviço especial desempenhado, (4) a indicação do

grupo (Turma) que desempenhou o serviço, (5) horário ($3 \frac{1}{2}$ H.), e (6) período do serviço (Tarde, Manhã, etc.).

O nome da agência pode ser o nome da cidade (quando agência única ou central) ou o nome de um logradouro dentro da cidade (Shopping Jardim, Praça da República; Galeria Prestes Maia, Rua 15 de Novembro, Palácio dos Esportes, Ministério da Guerra, Aeroporto, Rodoviário etc.), ou ainda um anexo à Agência Central, como Sucursal, Seção, etc. Temos dois casos especiais, o de Rio de Janeiro e o de São Paulo, nos quais o nome da Cidade é também nome do Estado, tal que um implica outro e repetir seria redundante. Se bem que atualmente a tendência seja para redundância mesmo (L.S. São Paulo; L.I. São Paulo, SPM.) A Unidade da Federação pode aparecer por extenso, parcialmente abreviada ou por sigla (SP, RN). Exemplos dos serviços especiais são: Registrado, Tesouraria, Telégrafos, Exportação, Serviço Aéreo, etc.

Usamos duas categorias de termos de uma maneira um tanto diferente do uso dos gramáticos: refiro-me aos títulos-prefixos e às conjunções.

Um título é um termo de identificação de uma pessoa, um prédio, ou semelhante. Com títulos temos, por exemplo, Dom Pedro, Gen. Osório, Pres. Bernardes, Pe. João, Senador Fernandes, Dr. Zhivago, Sr. Raimundo, etc. Um prefixo é uma forma integrada à palavra raiz, não se encontrando sozinho no discurso. Um exemplo é o prefixo “pré-“ da palavra prefixo.

Nos carimbos, há uma classe de indicativos que não ocorrem sozinhos, sempre precedem o nome da agência, e são, freqüentemente, abreviados. Refiro-me à ACT (Agência dos Correios e Telégrafos), C.P.A. (Centro de Processamento Automático), CDD (Centro de Distribuição Domiciliar) e semelhantes. Pelas razões citadas, chamamos estes termos de “prefixos” no contexto do carimbo. Neste sentido, também existem pós-fixos, embora raros, na forma de Cid. (cidade) em contraste com Est. (estação).

Finalmente, as conjunções servem de transição entre uma cláusula e outra da sentença, ou entre dois termos em aposição (“verde e amarelo”). No nosso caso, a ligação é entre a Legenda Superior, a qual se lê da esquerda para a direita, e a Legenda Inferior, a qual se lê separadamente, ainda que na mesma direção. A conjunção une, através de uma transição, ao mesmo tempo que separa ao afastar e se interpor. Um exemplo de conjunção no carimbo são os parênteses em volta da UF, na Legenda Inferior

da Classe 13. Outro são as orelhas, localizadas entre as duas legendas. Exemplos de orelhas grafadas do lado esquerdo são DR, 3^AT, TAR., TES. Para o lado direito, temos UF, mais os outros citados fora DR.

Então, temos a estrutura de, por exemplo, a legenda superior em categorias exclusivas, e com termos intercambiáveis (por estarem em contraste dialético) entre si:

Prefixo	Agência	Serviço	Período
A.C.	Campinas	Expediente	Noite
P.C.	Mooca	Posta Restante	Diurno
CDD	Av. S.João	Aéreo	Manhã
C.T.A.	Zona Sul	Taxa	Tarde
SEED	Central	Guichê Filatélico	Noturno
VPN	Rodoviário	Trânsito	

É claro que nem todas as categorias são usadas no mesmo carimbo, embora todas sejam potencialmente passíveis disto. Os elementos da data são intercambiáveis, pois antigamente se tirava uma peça, como número do dia ou abreviação do mês, com uma pinça, para substituir outra atualizada. Em certos carimbos dos meados do século XX, têm-se as palavras MANHÃ, TARDE e NOITE intercambiáveis. Palavras como EXPEDIENTE, REGISTRADO, EXPRESSO, IMPRESSOS, suspeitamos que também foram intercambiáveis.

No caso da Legenda Inferior, o normal é a UF ou BRASIL ou DR + UF, podendo também incluir as categorias de serviço e de período, ou apenas uma ou outra dessas categorias.

Erros de Amostragem

O carimbo já fabricado de acordo com o modelo previamente definido ainda pode passar por outras mudanças. A impressão produzida por um carimbo nessas condições não está mais exatamente igual ao projeto original, pois as mudanças nas suas impressões representam um desvio do modelo original. De acordo com o costume nas pesquisas envolvendo as estatísticas, tais modificações se chamam de “erros de amostragem”, uma vez que podem ofuscar o modelo que procuramos através da pesquisa.

Esta não é a única causa de desvios. A D.R. que encomenda o carimbo pode fazê-lo a um fornecedor local, e tanto este quanto a própria Regional podem falhar no que diz respeito às normas estabelecidas pelo Departamento ou pela Empresa.

A maioria dos carimbos postais datadores tem elementos móveis. Hoje em dia, estes são permutados ao se girar uma roda no aparelho, tirando-se uma inscrição (p. ex., data) do lugar e substituindo-a por outra. Antes, as peças móveis eram retiradas com uma pinça e substituídas por outras. Isto não só se refere à data, mas também, na época que as cidades maiores indicavam o período do expediente no carimbo, às palavras "manhã", "tarde" etc., que eram permutadas. Evidentemente certas palavras referentes ao serviço tiveram o mesmo tratamento ("expediente", "registrado", "áereo" etc. Mas isto já faz parte do projeto daquela classe de carimbo, e não se caracteriza como "erro de amostragem", nem de um novo tipo. No entanto, encontramos certos carimbos com o ano em algarismos de tamanhos diferentes, o que não é normal. Deve ter sido uma tentativa de viabilizar o uso de um carimbo velho em que faltavam peças.

O mesmo problema, de não ter mais peças com o ano corrente para inserir no carimbo, foi comum nos Tipos "Br-13" e "Br-15", nos quais o espaço foi deixado em branco, preenchido com um clichê invertido ou preenchido a mão.

O manuseio errado do artefato também produz resultados indesejáveis, constituindo distorções: p. ex., o círculo fica torto ou quebrado, letras ficam tortas ou com alguns borrões ou mesmo faltam algumas.



Ainda encontramos fenômenos que podem ter sido mudanças na forma do aparelho. Paulo Ayres apresenta um carimbo, parecido com uma certa classe de carimbos, embora falte o Círculo Exterior. Observamos o mesmo caso num carimbo de Rio de Janeiro (Largo do Machado). Podem ter sido fabricados localmente sem o Círculo Externo, embora achemos possível que, depois deste ficar desgastado, devido ao mau uso (batendo com

força em um ângulo, muito comum), tenham optado por simplesmente remover o círculo afetado.

Temos um exemplo de Augusto Severo (RN), onde as impressões do carimbo mediam 38mm em diâmetro em agosto de 1987, e, já de outubro a dezembro do mesmo ano, têm-se impressões todas tortas e medindo 43x51mm, embora com letras da mesma forma. Teoricamente pode se tratar de carimbos distintos: um em agosto e outro, maior, a partir de outubro, apesar de ser estranho alguém encomendar um carimbo já torto ou o carimbo entortar num período de um ou dois meses. Mas existem exemplos de tamanhos diferentes dos carimbos encomendados pela D.R.—R.N. da época. Por exemplo: o de Messias Targino, com diâmetros de 38mm (de abril a maio de 1988) e outro de 41mm (em agosto do mesmo ano), com letras da mesma forma.



Finalmente, uma vez que os elementos da data são intercambiáveis, também são susceptíveis de erro humano. Encontramos o mês ou ano invertidos, anacrônicos, ou números ou letras de outro carimbo, em outro tamanho, substituindo os originais. Em 1995, encontramos um carimbo com data de 1997 e, recentemente, encontramos um (ver figura) que sugere que a Empresa dos Correios e Telégrafos possui uma máquina de tempo.

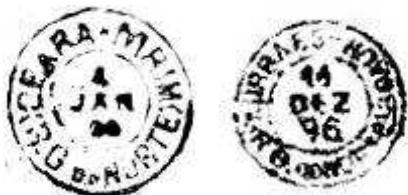
2 - Carimbos Postais do Rio Grande do Norte: o mistério no quotidiano

Não temos registro de cartas “pré-filatélicas” (antes de existirem selos) do Rio Grande do Norte, embora não se possa presumir que não existam. Os mais antigos que já vimos são de Natal, Mossoró e Macau, e datam do Império.

São todos exemplos do que chamamos de Tipo “Br-02”, apresentando a data em três linhas (dia, mês, ano), com o nome da cidade no alto (“Legenda Superior”), e sem



Legenda Inferior, a não ser um pequeno ornamento. O nosso prefixo “Br-“ indica que é um “tipo universal”, ou seja, usado no País inteiro. Paulo Ayres menciona outro de Natal que inclui a indicação “Cidade” e outro de Mossoró, sem tal indicação. Não os tenho visto, e o exemplar aqui de Mossoró é figura de Ayres. As datas dos carimbos vão de 1885-1898.



Em seguida outra classe entrou em cena: a que chamamos de Tipo “Br-03”. Algumas coisas continuam iguais: o nome da cidade ou da agência na Legenda Superior, a Data em três linhas, e o Ano em dois algarismos. Outras características mudaram, notadamente a Legenda Inferior, que agora ostenta (normalmente) o nome do Estado, por completo ou parcialmente abreviado, entre parênteses. As mudanças destacam a separação desta legenda da superior. Temos visto exemplares deste Tipo nos carimbos das cidades de Canguaretama, Ceará-Mirim, Currais Novos e Goianinha.

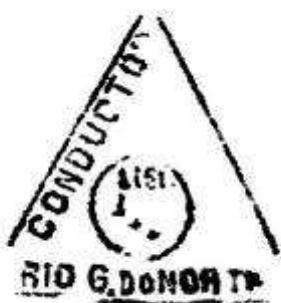


Perto do início do século XX entrou uma variação deste Tipo, pois não gostaram da idéia de uma data de “oo”, o que seria o caso em 1900. Portanto, apareceu o que chamamos de Tipo “Br-04”, igual à anterior, mas com a data em quatro algarismos. Temos registro de 12 carimbos desta Classe no Rio Grande do Norte, a maioria de 1900-1928, das cidades de Ceará-Mirim, Macahyba, AG. de Mossoró, Nova Cruz, Patu, Pedro Velho, S. Antônio, S. J. de Mipibu (três artefatos com medidas diferentes), Touros e a Agência da Cidade Alta, em Natal.

Em 1916, apareceu um exemplar da referida Classe com a indicação de uma “seção” de trabalho. Tem-se esse tipo de indicação nos carimbos das cidades maiores, desde 1886 (São Paulo e Rio de Janeiro), ou de Sucursal, a partir de 1937 (SP) e 1940 (RJ). Aparecem também indicações de serviços especializados desde 1898 (RJ) e 1935



(SP), e ainda aspectos do serviço tais como o período ou horário, desde 1906 (RJ) e 1922 (SP). Um funcionário dos Correios em Natal nos disse que ele ouviu falar que a Seção 4 funcionava na Agência da Cidade Alta, embora nem ele nem nós possamos confirmar isto independentemente. Ainda mais: existem carimbos com o nome desta Agência desde, ao menos, 1908.

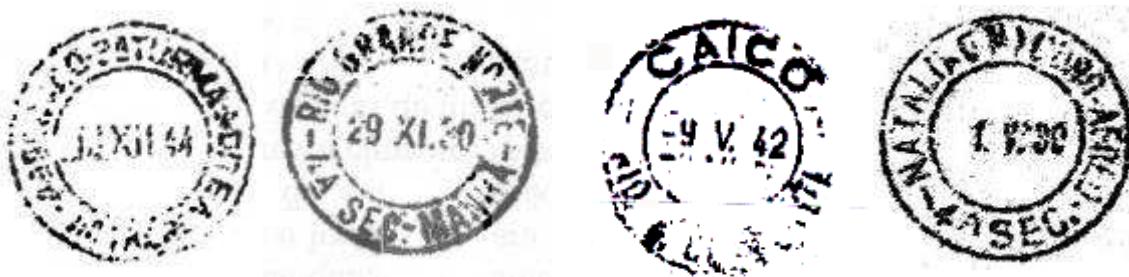


Entre 1914-1917, aparecem carimbos com forma triangular em diversas partes do País, os quais ainda estamos pesquisando. O nosso exemplo aqui, aparentemente, se refere a um serviço terceirizado para carregar a correspondência, coisa que vamos ver depois num carimbo circular. Um

exemplo que temos, de São Paulo, é para a taxa devida. Também de forma não circular são dois carimbos, de Natal (1929) e da Cidade Alta (Natal, 1935), de forma oval. Podem esses carimbos ter outras finalidades projetadas, mas foram usados para correspondência normal.



Em 1920 e 1921, começaram a aparecer carimbos com modificações, em relação aos anteriores. Desaparecem os parênteses, substituídos por pontos ou traços verticais, os quais rotulamos de “orelhas mudas”. Ainda continuam com o nome da agência ou cidade na legenda superior e o nome do Estado, por extenso ou parcialmente abreviado, na inferior (ver o exemplo de Bom Jesus). Chamamos a estes de Tipo “Br-05”, os quais são muito usados no resto do País, embora tenhamos visto poucos exemplares do Rio Grande do Norte, provavelmente por causa da inadequação da nossa pequena amostra. O mais antigo do Tipo que temos do Rio Grande do Norte é de 1928, o qual ostenta indicações do serviço, seção e período do expediente. .



Ora, a partir dos começos da década de 1920, já estavam aparecendo carimbos com a data numa linha só, em vez de em três linhas. Para isto, o Círculo Interno tinha que aumentar em diâmetro. Esses carimbos apareceram antes de 1929, no Sul; daqui temos exemplares com data de 1920. Os Círculos continuam com 31-32mm em diâmetro exterior e 20mm, no interior, embora a característica fundamental deste Tipo “Br-08” seja a apresentação do mês em número romano, em vez de letras ou algarismos. Continua a identificação do Estado na Legenda Inferior e, normalmente, da Agência ou Cidade na Superior (ver exemplo de Caicó). Este tipo foi muito usado no Sul, mas tenho apenas seis exemplares do Rio Grande do Norte, sem dúvida por termos uma amostra muito pequena para o período de 1920-1950. Aqui também temos exemplares das cidades maiores com indicações de Seção, Serviço (“Corr. Aéreo”) e Período do Serviço (“Manhã”).



Em fins da mesma década, começam a aparecer outras novidades: imagine o “Tipo Br-05” com Círculo Interno de 18-20mm de diâmetro, como nos carimbos do “Tipo 08”, em vez dos 13-14mm. que o “Tipo 05” realmente possui. Assim, tem-se um espaço muito maior para a data, como vimos com este novo “Tipo 06”. Com isto, os números e as letras da data aumentam para 16-20 points, como nos exemplares incompletos de Assu e de Macau. O ano passa, assim, a ser indicado com dois algarismos em vez de quatro.



No começo da década de 1930, aparecem carimbos semelhantes (Br-13 e Br-14, Br-15, Br-17 e Br-18), com a Legenda Inferior inscrita “BRASIL”, ou se referindo ao Serviço, o que requer a identificação do Estado em outro lugar. No caso, tal identificação se coloca aos lados, entre as Legendas Superior e Inferior, no que chamamos de “Orelhas”. Temos um exemplo de Serviço (Telégrafos) do Rio Grande do Norte com a data de 1943, escrita a mão, algo comum neste tipo, embora falte uma indicação para o Estado. Outro exemplo (“4^A Secção”), com orelhas, data de 1940.

Forma Data →	1b	2	4	5a	6a
Círculo Ext. →	29mm	31mm			
Círculo Int. →	14mm	20mm			
Legendas ↓					
U.F.	1921	1927	1928	1941	não há
Serviço	1922	1931	1932	1938	----
BRASIL	1931	1941	1936	----	----
DR + U.F.	não há	não há	-----	1942	1953

Datas: 1b=3 linhas, mês abreviado, ano em 4 algarismos
 2 =3 linhas, mês abreviado, ano em 2 algarismos, grande
 4 =uma linha, mês número romano, ano em 2 algarismos
 5a=uma linha, mês abreviado, ano em 2 algarismos
 6a=uma linha, mês e ano em 2 algarismos cada
 ----- = o que possuímos deve ser um anacronismo

Tabela 1: datas mais antigas que possuímos para combinações de atributos de dois parâmetros, forma da data e informação contida na legenda inferior.

Observe-se que a seqüência dos nossos números de Classe e de Tipo não necessariamente reflete a cronologia, antes reflete uma seqüência lógica formal. Também, nesse período, entra uma grande variedade de mudanças de certos parâmetros, notadamente (1) forma da Data, (2) informação na Legenda Inferior e, em conseqüência, nas Orelhas, que passam a ser grafadas ou com elementos grafados e não juntos. A Tabela 1 apresenta as datas de aparecimento das diferentes combinações.



Em 1934, apareceu, em Mossoró, um carimbo roliço com linhas ondulantes (Tipo Br-34). Este tipo foi usado em algumas cidades do País, nas décadas de 1930 e 1940, com exemplares ocasionais continuando em uso até 1961. Aparentemente este tipo, no âmbito do Rio Grande do Norte, foi usado somente em Mossoró. Temos impressões de 1934 e 1940.

De 1939 a 1946 (um exemplo visto com data de 1952), apareceram carimbos de um tipo usado exclusivamente no Rio Grande do Norte (o nosso Tipo “RN-37”), o qual

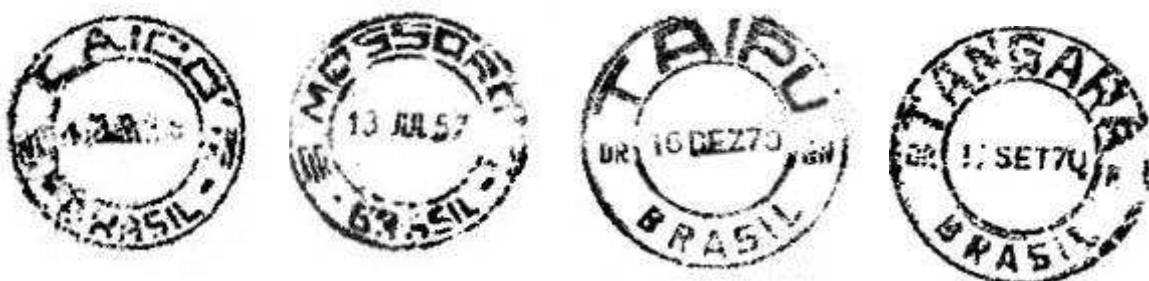


ostenta um círculo único de 32 a 36mm, a data numa linha só, e o ano em quatro algarismos. As legendas curvas inscritas são “D. R. Correios e Telégrafos” (superior) e “Rio Grande do Norte” (inferior). Uma série se inscreve, adicionalmente, “Serviço Aéreo” ou “Setor Aéreo” na Superior (deste temos somente um fragmento incompleto) e “NATAL”, na Inferior. Outro se inscreve “AGÊNCIA” (superior) e “CEARÁ MIRIM”

(inferior). Outro, reportado por Mário Xavier, no Boletim da Sociedade Philatélica Paulista, evidentemente foi usado para correspondência, levado por uma linha de ônibus entre Natal e Caicó. Não vimos, até agora, nenhum exemplar, sendo que a figura acima é do Sr. Mário. Diz que foi encomendado pela Diretoria Regional de uma papelaria em Natal.



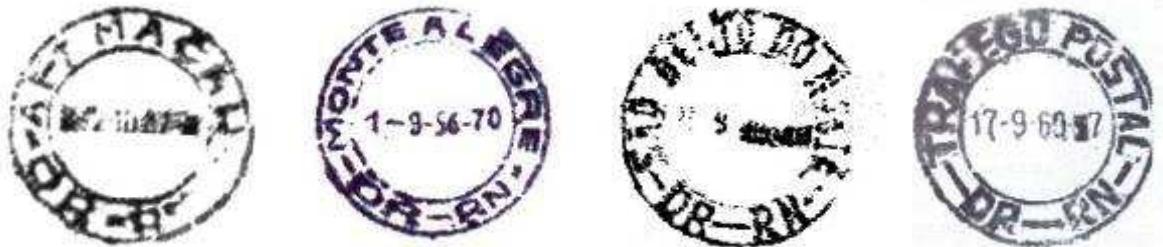
Entre 1941 (?) e 1954, apareceu um carimbo muito pequeno (20mm em diâmetro, o nosso Tipo “Br-33.3”), de um tamanho usado em poucas cidades espalhadas no Sul. A maioria deste leva a inscrição VPN, o que pode indicar “Via Posta Noturna”, com datas de 1947-52. Este caso, sem “VPN”. Observa-se a data em três linhas mas com o mês expresso em algarismos, algo muito raro para a data em três linhas.



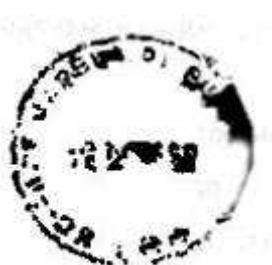
Nos meados da década de 1940, começaram a proliferar os carimbos com BRASIL na Legenda Inferior. Entre os com data numa linha só e mês abreviado, encontramos duas séries: uma com diâmetro de 29-31mm (Tipo “Br-18”) e outra com diâmetro de 32-34mm (Tipo “Br-20”). Do primeiro grupo, temos exemplares de Angicos, Antônio Martins, Caicó e Mossoró, e de Natal, este para serviço (impressos). Do segundo, temos exemplares de Patu, Taipu e Tangará.



Posteriormente, apareceu o mesmo conjunto de atributos mas com o mês, na linha da data, expresso em dois algarismos, em vez de uma abreviação. Este é o Tipo “Br-19”, da qual têm-se exemplares de Acari, Jardim de Piranhas, Jardim Seridó, Jardim do Seridó, Lages, Macau, Parelhas, Santa Cruz e Serra Negra.



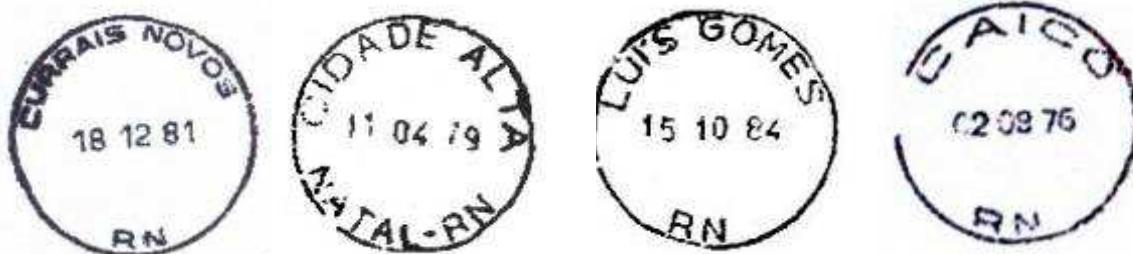
Na primeira metade da década de 1950, começaram a aparecer carimbos com a Legenda Inferior “DR – RN” (Tipo Br-26): uns poucos já tinham aparecido antes com datas de mês abreviadas). Temos exemplares destes de Arês, Caicó, Jucurutu, Macau, Monte Alegre, Ouro Branco, São Bento do Norte, e, de Natal, com indicações do serviço – Tráfego Postal, Tráfego Aéreo, Déficit, 4^A Seção Aérea, e 5^A Seção.



Em 1969, apareceu o precursor (Tipo 36.1) de uma nova classe de carimbos, agora com apenas um círculo (o externo, diâmetro 31mm.), com as inscrições semelhantes aos dos tipos anteriores: “DR – RN” (inferior) e o prefixo “APT.” (Agência Postal e Telegráfica) antes do nome da agência (Jardim de Piranhas). É o único caso que temos deste tipo até agora, para o País inteiro.

De 1971-1972, temos exemplos de um pequeno (21mm) carimbo para uso em Natal, no Setor Aéreo (Br-33.6). Ainda com dois círculos, a data se apresenta em duas linhas, mês abreviado e ano em quatro algarismos. Na legenda inferior se inscreve “DR – RN”. Não temos outros tipos iguais, mas alguns semelhantes daqui e ali (p. ex., Fortaleza).



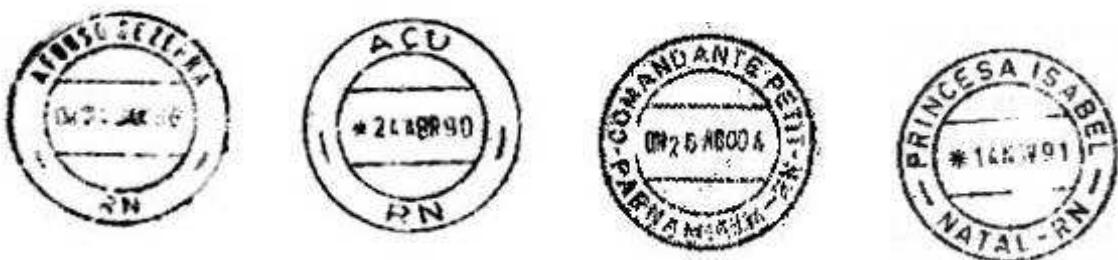


Em 1973, generaliza-se o uso, para todo o País, de um novo Tipo (Br-36.2), o que passou a ser usado em quase todas as agências, inclusive no Rio Grande do Norte. A vantagem deste tipo é de que, aparentemente, é feito de aço, em vez de borracha endurecida ou de plástico, o que aumenta a sua vida útil – no RN, temos exemplares ainda em uso até 1990 e 1991. De tão popular era, que muitas Agências usaram vários artefatos deste tipo: Temos seis medidas diferentes de letras de carimbos da Tipo “Br-36.2” só de Caicó. Uma característica deste tipo é a grande variedade de tamanhos e combinações de tamanhos das letras das legendas. O diâmetro do círculo permanece os 31mm., mês e ano em dois algarismos cada, nome da Agência na Legenda Superior, normalmente, sem prefixo nem referência ao Serviço, Legenda Inferior com a sigla do Estado, ou com o nome da cidade onde a Agência se localiza mais a sigla do Estado.

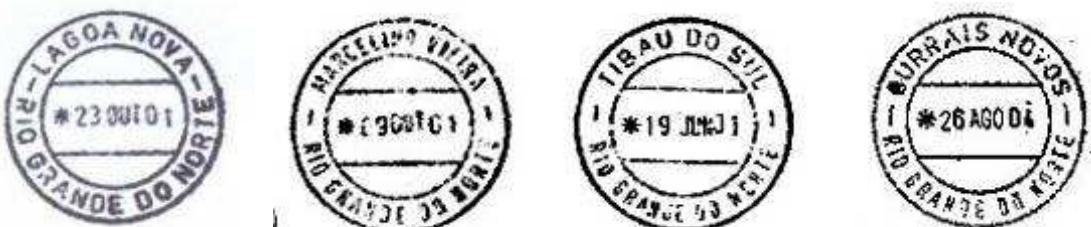


Logo depois começou o uso de outro tipo para todo o País (Tipo “Br-41”), não tão bem sucedido como o anterior, pois foi feito de uma substância mais mole, borracha ou plástico. A maioria já tinha saído de uso até meados da década de 1980. O diâmetro do carimbo era maior do que o anterior (35mm.) e ostentava também uma placa para emoldurar a data. Temos exemplares de Almino Afonso, Açu, Currais Novos, Macau, Mossoró, Pau dos Ferros, Riachuelo, Santana do Matos, São Bento do Norte, e de Natal,

da Agência Filatélica, Alecrim, Agência Central, Centro de Triagem e Cidade Alta. Ao contrário do tipo anterior, temos um alto nível de padronização, quase sem variação nem no tamanho das letras.



Por volta de 1983, começam a aparecer exemplares do que vai ser a última classe de carimbos postais fornecida pela administração central do País – o nosso Tipo “Br-42”. Trata-se de uma réplica perfeita embora menor (28mm) da Classe Br-40, agora em aço, como no caso do Tipo Br-36.2. O tamanho das letras é muito variável, especialmente a largura, em função do número de letras a serem acomodadas no espaço – Açu é fácil, mas Senador Georgino Avelino é mais difícil. Ainda estamos com o nome da Agência – sem prefixo – na Legenda Superior, e a sigla do Estado (ou cidade e sigla do Estado) na Inferior. Estes artefatos também se tornaram muito populares, sendo usados em, praticamente, todas as Agências dos Correios, inclusive no Rio Grande do Norte. Temos, por exemplo, cinco medidas diferentes para aparelhos deste tipo só para a Agência de Nova Descoberta, em Natal.



Até 1989, começa a aparecer uma variedade desta classe, Tipo “Br-41.4”, que apresenta o nome do Estado por extenso, em vez de por sigla.

Em 1995, aparecem alguns exemplares com um prefixo



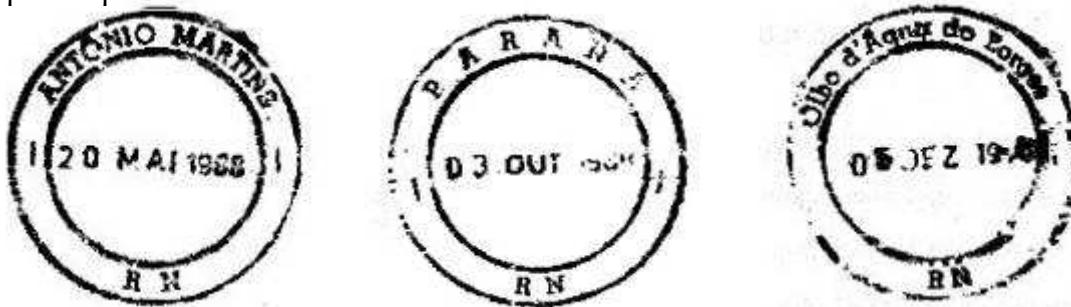
o

antes do nome da Agência, normalmente CDD ou SEED, que são serviços de entrega a domicílio. Finalmente, também em 1995, começam a repetir o nome da Agência na linha inferior, quando for também o nome da cidade onde a agência se localiza.



Em Natal, apareceu, até 1984, um tipo de carimbo de máquina automática de carimbar (Tipo "Br-35.1"), que já estava em uso em São Paulo e outros Estados do Sul e Sudeste desde 1976. Deve ser o único do gênero no Rio Grande do Norte, e foi para a Agência da Cidade Alta, em Natal.

O Tipo Br-42 continua sendo fornecida para as agências do Correio em todo o País, embora, a partir do começo da década de 1980, tenha havido uma grande mudança na política de licitação de fornecimento de carimbos postais. Agora, em vez de ser exclusivamente (?) da alçada da administração central, é responsabilidade das Diretorias Regionais (Estados). Obviamente, há um padrão básico – cercadura em forma de círculo, data em uma linha, mês (normalmente) abreviado, ano (normalmente) em quatro algarismos, nome da Agência na Legenda Superior, com ou sem prefixo, nome do Estado, ou Cidade e Estado, na Legenda Inferior. Cada Estado tem padrões específicos individuais, não (ou raramente) usados em carimbos de outros Estados, embora haja uma grande área de semelhança com certas combinações. A terceirização de serviços também se manifesta numa proliferação de novos Postos do Correio em parceria com empresas particulares.



Os primeiros tipos da Classe "RN-49.4" apareceram a partir de 1984 e foram muito usados durante mais de dez anos. Ostentam dois círculos, com um diâmetro total de 37-38mm, data numa linha com o mês abreviado e o ano em quatro algarismos. A letra é

romana (com “serif”) e existem orelhas na forma de traços verticais. Estranhamente, embora usados em quase todas as agências no interior do Estado, esses tipos não foram usados em Natal.



Logo em seguida vem um segundo tipo, com círculo maior (39-42mm, RN-49.5), também com orelhas na forma de traços verticais, e letra gótica (sem “serif”) maiúscula. Esse tipo também não foi usado na Capital.



Também saíram carimbos semelhantes com letras romanas, e com letras muito pequenas e sem orelhas.



Com letras um pouco maiores, temos uma variedade largamente usada no interior, mas nem tanto na Capital. Este tipo não ostenta orelhas.



Outra variedade nos apresenta letras pequenas e espaçadas, sem orelhas. Outra ainda ostenta letra romana, também sem orelhas. Deste tipo temos exemplares de CATRE, em Eduardo Gomes (Parnamirim), Marcelino Vieira, Nízia Floresta, Serra de São Bento, e, em Natal, COMGRAF, DIGITEC e Prudente de Moraes. Finalmente, um carimbo nos traz uma mistura de letras no mesmo carimbo. Exemplares são de Barra de Tabatinga (Nízia Floresta), Luiz Gomes e Nova Descoberta.



Embora com um precursor de 1974 (Cidade Universitária, atual UFRN), em meados da década de 1990 começaram a aparecer carimbos grandes de dois círculos, evidentemente feitos de encomenda local. Além do nosso precursor, temos exemplos de Santo Antônio, São José do Mipibu, e outro mais antigo, o Posto do Correio de Verão.



Na segunda metade da década de 1990, apareceram tipos semelhantes aos anteriores mas com a adição de uma placa para emoldurar a data. Houve um precursor em 1980, mais uma vez sendo da Cidade Universitária em Natal. Todos os outros datam de 1996 ou depois, especialmente na década de 2000. Com diâmetro de 34mm, temos o Tipo “RN-45.2”.



Com carimbos de 35-38mm, temos o Tipo “RN-45.6”, com exemplares de Prudente de Moraes, AGAE, COMGRAF, DIGITEC, Dix-Sept Rosado e MULTFAAS, todos da Capital.



Já com o Tipo “RN-46.1”, temos carimbos de 39-44mm em diâmetro, das agências de Nísia Floresta, Poço Branco e Tenente Ananias, no interior, e AGAE, Campus Universitário (precursor de 1980), o resto sendo dos fins da década de 1990 e primeira metade da de 2000), COMGRAF e MULTFAAS, em Natal.



Também na década de 1990, começaram a aparecer carimbos de círculo único encomendados no Rio Grande do Norte, às vezes semelhantes a outros usados em outros Estados. Por exemplo, o nosso exemplo da ESAM, em Mossoró (RN-53.3), tendo círculo único duplo, é semelhante a um tipo de carimbo muito usado no vizinho Estado da Paraíba, perto de Mossoró (p. ex., Catolé do Rocha). Apareceram também carimbos com a linha do círculo grossa (RN-53.4), como nestes exemplos de Touros e a Agência da Ribeira, em Natal. Um exemplo semelhante, mas com letra minúscula, vem do Aeroporto “Augusto Severo” em Parnamirim.



O resto desta série é composto por carimbos simples de diâmetros entre 33-44mm, círculo único, data numa linha, com o mês abreviado e o ano em quatro algarismos, e letras bem variadas, se bem que a tendência seja para letras pequenas.



A estes chamamos de “Tipo RN-54”, se bem que medidas iguais apareçam em outros Estados. Sabemos, porém, que, mesmo podendo representar fidelidade a um modelo especificado, os carimbos não são fornecidos por uma administração central ou por fornecedor único, sendo diferentes para cada Delegacia Regional (Estado). No caso do Rio Grande do Norte, tudo indica que este tipo vai acabar predominando na grande maioria das agências durante os próximos anos.



Ainda há um tipo curioso que apareceu entre 2002 e 2004, que em muito parece com o Tipo “Br-42.1” embora falte a placa. O lugar para o “DH” ou o asterisco que o substitui fica abaixo da data, não na mesma linha. Originalmente, consideramos que esse tipo era feito de aço. Porém, outro exemplar, esse de Nova Descoberta, aparenta ser um tanto quebradiço, o que sugere um carimbo de plástico ou vinil.

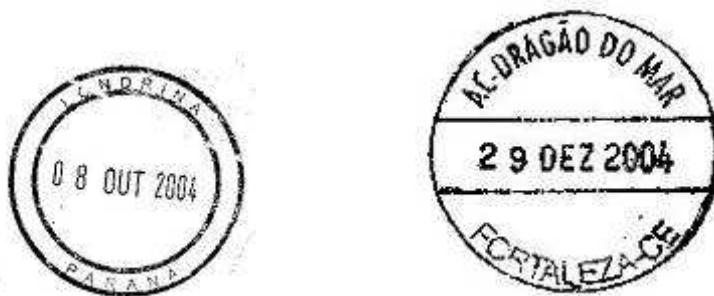


Mais uma vez, nos começos da década de 2000, carimbos datadores não circulares passaram a ser usados para fins postais comuns, desta vez em Caicó, onde vem sendo usado regularmente para tais fins, e na agência principal de Natal.

3 Tendências através do tempo – em todos os Estados

No teste das variáveis dos carimbos (como variáveis dependentes) contra o tempo, como variável independente, destacam-se como importantes e estatisticamente

confiáveis (1) a forma da Data, (2) a forma das Orelhas, grafadas ou não, (3) a presença ou não da Placa, (4) o texto na Legenda Inferior, e, com nível menor de importância, (5) o tamanho total do carimbo.



Carimbos Regionais do Paraná e Ceará

A data em 3 linhas dominou a última parte do século XIX e primeira parte do século XX; a data em uma linha só, com o mês indicado por número romano, apareceu primeiro na década de 1930, para em seguida desaparecer. O mês indicado por algarismos aparece depois do indicado por abreviação, mas não o substituiu.

A separação da legenda inferior por parênteses apareceu no final do século XIX e desapareceu logo no início do século XX, substituída por orelhas. Na primeira metade do século XX, essa legenda ostentava a Unidade da Federação, por extenso ou parcialmente abreviado, depois aparecia “BRASIL” ou o serviço; em seguida a linha “DR – UF” e, na segunda metade daquele século, passou a vir a UF por sigla ou cidade e UF.

Orelhas na forma de traços apareceram na década de 1920 e continuam até hoje, embora as orelhas não grafadas tivessem uma seqüência bem definida: primeiro as “desequilibradas”, depois as que indicam serviço mais a UF, em seguida a UF nos dois lados, e, finalmente, DR de um lado e UF do outro. Tudo isso primeiro em combinação com traços e depois sem essa combinação. Na década de 1960, as orelhas grafadas deixaram de constar dos carimbos fornecidos.

A placa só se firmou mesmo na década de 1970, embora tenha sido antes objeto de experiências limitadas.

E, para finalizar, há uma tendência, se bem que não consistente, para o diâmetro do carimbo aumentar. Isto não significa que carimbos pequenos não continuam. É que “os carimbos maiores deste ano são maiores de que os carimbos maiores do ano passado.”

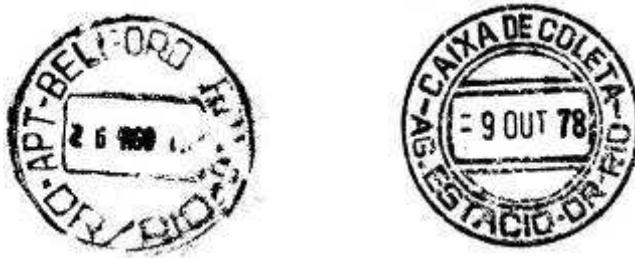


Carimbos regionais de Paraíba e Minas Gerais.

Observamos, através do nosso registro, períodos de muita mudança, e períodos de relativa estabilidade. O período que corresponde ao fim do Império e ao começo da República foi palco de muitas mudanças como o surgimento das Classes “10”, “11”, “12” e “13”. Outro período de muitas mudanças é o do fim da década de 1930, se estendendo pela de 1940 (época de Getúlio), com os Tipos “15”, “16”, “21,5” e “22,5”, com um aumento da quantidade de informação transmitida pelas legendas e orelhas. Tal período foi seguido por outro de menos mudanças mas de simplificação gradativa – especialmente na redução das letras e das informações nas legendas e no fim das orelhas grafadas (Tipos “21.7” e “22.7”), incluindo a época da Administração Militar.

O fim da década de 1970, e mais a de 1980, traz grandes mudanças, especialmente de maior simplificação, correspondendo cronologicamente à última parte do Regime Militar. Finalmente, na década de 1980, uma grande mudança no sentido de descentralização das licitações para fornecimento de carimbos, que passou a ser atributo das Diretorias Regionais, com uma consequente proliferação de estilos e distribuição apenas regional, se bem que seguindo certas especificações de modelo ditadas pela Empresa em âmbito nacional.

Isto significa que, a partir da década de 1980, os carimbos postais do Brasil têm que ser estudados somente no âmbito de um Estado de cada vez, porque os carimbos de cada Estado são universos de amostragem distintos, e a tipologia não pode mais ser em nível nacional. Significa que precisamos de grupos de estudo diferentes para cada Estado, se bem que seja prevista permuta de informação e amostras para estudo. Não sabemos se surgiram novos tipos “universais” no País. A maneira de atestar isto é pela análise e comparação.



Carimbos Regionais de Rio de Janeiro

E, dentro desta situação, ainda podemos esperar encontrar algum modelo ou conjunto de regras que definem os limites do que seja ou não aceitável num carimbo. De fato, não encontramos um modelo geral, mas uma série de alternativas aceitáveis.

Em relação aos círculos, estes continuam a ser a forma preferida para se fazer um carimbo, embora carimbos quadrados ocasionalmente sejam usados (correntemente, em duas cidades citadas do RN, por exemplo). Os Círculos podem ter uma variedade de tamanhos, mas os maiores (43-45mm diâmetro) são ainda maiores de que os maiores do passado (33-35mm antes da década de 1980, 37-43mm de lá para a de 1990). Círculos Únicos ou dois Círculos são alternativas aceitáveis, e, com relação aos Círculos Únicos, estes podem ser grossos (2-3mm) ou duplos, em duas linhas finas bem próximas.

As datas se encontram em uma linha só, normalmente de mês abreviado. Fora a “Classe 43”, que continua desde o começo da década de 1980, o ano se apresenta em quatro algarismos. A presença ou ausência de traços verticais são as únicas alternativas aceitáveis para Orelhas. Presença ou ausência de uma Placa, formada de duas linhas que alcançam o Círculo Interno, são alternativas aceitáveis, mas certas outras formas de placas existem. Em termos de carimbos de dois Círculos, começam a aparecer exemplares com cada vez menos espaço entre os dois, sendo a diferença de 3-7mm.



Carimbos Regionais de São Paulo

As legendas continuam sendo a UF, ou cidade e UF, para a Inferior, e a Superior apresentando a Agência. Num número crescente de casos, o nome desta vem acompanhado de um prefixo indicando a divisão de trabalho (por exemplo, AC, Agência do Correio, CDD. Centro de Distribuição Domiciliar). Serviços como Taxa Devida, Tesouraria, Tráfego Postal, Registrado, etc., muito usados nas décadas de 1930 a 1950, não são mais considerados adequados para carimbos postais contemporâneos.

Finalmente, com os pares de círculos apresentando distâncias muito reduzidas (3-6mm) entre si, é claro que as letras também têm que se compactar cada vez mais (6-4p o menor visto até agora), se bem que letras de 8x8p. já tinham aparecido na “Classe 30” na década de 1970.



Carimbos Regionais do Espírito Santo

A esta altura, uma questão pode estar na mente do leitor: Por que até então não se teve um trabalho que envolva Arqueologia e Filatelia? O que têm os dois em comum, fora o fato de que este autor já fez trabalhos científicos pluridisciplinários, combinando Arqueologia com Antropologia, Geomorfologia e Geologia do Quaternário (Miller, 1977).

4 Arqueologia e Filatelia

As origens das ciências naturais modernas remontam ao período do Iluminismo, quando muitas pessoas colecionavam “curiosidades”: minerais, fósseis, instrumentos e objetos de arte antigos, manuscritos, moedas, etc. Os jovens de hoje, freqüentemente, ainda continuam essa tradição: os que colecionam minerais podem se tornar geólogos, os

que colecionam fósseis podem se tornar paleontólogos, os que colecionam borboletas ou outros animais podem se tornar biólogos, os que colecionam artefatos pré-históricos (como fizemos) podem se tornar arqueólogos. O colecionador (o amador) se torna pesquisador e este, por sua vez, pode enveredar pelo caminho da aplicação – e isto inclui a educação e a museologia. Veja bem: os primeiros “arqueólogos” colecionavam objetos de arte, manuscritos, desenhos de monumentos com os seus textos escritos, e moedas antigas. Selos e carimbos postais ainda não existiam. Se existissem, teriam sido colecionados pelos arqueólogos amadores.

O que é a Arqueologia? A Arqueologia analisa, identifica e estuda os vestígios materiais dos povos desaparecidos, com o objetivo de conhecer melhor a vida dos nossos antepassados e os problemas enfrentados e solucionados (ou não) no passado nesta mesma terra. Protegendo hoje esses objetos e vestígios do passado, estaremos salvaguardando e garantindo a compreensão e perpetuação da nossa memória social futura. Além disso, como destacamos, nenhum povo pode prosperar sem a memória do seu passado, pois as soluções para o futuro têm que levar em conta a experiência do passado.

A museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta (s.d.) comenta que

O artefato foi colocado no ponto central – como elo de ligação entre os estudantes e os historiadores [cita o historiador Thomas Schelereth ao dizer que] as pessoas estão se voltando para a cultura material porque é um método que pode levar a uma interpretação do passado mais populista, mais democrática, mais proletária.

E o que é a Filatelia? A Filatelia é uma atividade social, cultural e intelectual, na medida que estimula a procura por maiores informações sobre os selos que se possa ter na mão. A procura da informação conduz à pesquisa, e a organização desta conduz à montagem de uma coleção, o que, por sua vez, conduz a uma exposição. Estas duas últimas conduzem à procura por exemplares e informações que possam estar em falta na coleção, o que conduz a um reinício do processo todo. A procura por maiores informações e mais exemplares conduz aos contatos sociais para a troca destes.

O interesse pelos carimbos, por parte do colecionador, se deve em parte ao seu significado em termos de História Postal, uma temática de coleções (e a única que não

favorece selos novos). Almeida comentou que são fidedignos os registros da organização e evolução dos serviços postais. Por outro lado, uma dificuldade para colecionar carimbos é a sua grande variedade e a falta de meios adequados para reduzir este verdadeiro caos a um número comprehensível de variedades coerentes e identificáveis.

E o que faz o arqueólogo agora? A Arqueologia é o estudo da fantástica variedade de objetos fabricados pelo homem para seu uso nas suas atividades de extração e transformação de matéria-prima em objetos úteis, e para intermediar as suas relações com outras pessoas, outras sociedades e com as suas fontes de energia e matéria-prima. Esses objetos têm existência material, portanto características visíveis que o arqueólogo separa analiticamente para estudar relações econômicas e sociais de sistemas socioculturais humanos e os seus trajetos históricos e adaptativos. Veja bem: selos e carimbos postais são objetos físicos fabricados pelo homem para fins de relacionamento entre pessoas (a comunicação) dentro de contextos de espaço e de tempo. O seu estudo, como o das moedas (numismática) é um estudo essencialmente arqueológico.

Por que dizemos isto? O arqueólogo pesquisador, como dissemos, analisa as características (“atributos”) dos objetos que ele estuda, cada classe de atributos (“parâmetro”) tendo a sua própria medida individual. Este estudioso quer saber as características físicas e métricas da matéria-prima usada (pedra, argila, metal), como faz também o filatelistas pesquisador em termos de papel, picoteamento, técnicas de impressão e tinta. O arqueólogo também estuda e classifica as características estilísticas (equilíbrio, forma, decoração, estética), enquanto o filatelistas estuda as vinhetas do mesmo modo. Também os dois estudam a variação e patologia (erros) dos seus objetos de estudo.

Ambos possuem instrumentos de medição apropriados aos parâmetros que estudam, utilizando-se do método comparativo para definir semelhanças e diferenças, e elaborando tipologias na base de conjuntos repetidos de atributos observados em co-variação. Só que o filatelistas não utiliza de testes estatísticos de probabilidade, nem de nível de confiança do comportamento das amostras, para testar o grau de significado das suas tipologias, nem tampouco de simulação por computador, como faz o arqueólogo.

Finalmente, tanto um quanto outro também estudam os contextos históricos, cronológicos e funcionais (utilização) dos seus objetos de estudo.

Como chegamos a essa conclusão? Pelos anos que estudamos os carimbos postais do Brasil, elaborando uma tipologia na base dos procedimentos citados, incluindo os testes estatísticos de nível de confiança, para esses objetos materiais fabricados pelo homem para facilitar a institucionalização (ECT) das suas relações sociais comunicativas. Quando terminamos, elaboramos o primeiro ensaio do “Manual de Carimbos Postais do Brasil”.

5 O que se pode fazer?

Este autor, como arqueólogo, sempre se interessou pelo Patrimônio da Humanidade em termos de artefatos e a sua função no contexto social. E, como filatlista, aplicou as mesmas técnicas de classificação e ordenação que se usa para artefatos pré-históricos, nos artefatos de uso em comunicação entre seres humanos que envolve telecomunicações e, especificamente, nos de uso postal, cujo estudo conhecemos como “filatelia”. Logo deparamo-nos com o problema do desaparecimento dos objetos de estudo, numa escala que, com o passar do tempo, muitos “tipos” de carimbos vão ficar sem um único exemplar para estudar e registrar, como notamos na primeira parte deste estudo. Sim, perdidos para sempre.

Isto não é problema que possa ser resolvido por um, dois ou três pesquisadores. Mais de um século de falta de percepção dos carimbos como parte da nossa herança patrimonial só pode ser revertido, mesmo que parcialmente, com um esforço coletivo de reconhecer os carimbos para o que são, procurá-los e salvá-los.

Metas e Procedimentos

Para a captação de amostras para o estudo dos carimbos postais como patrimônio histórico, existe uma série de possibilidades, dependendo das diversas metas, baseadas na nossa experiência.

Quem vai captar?

A captação de amostras pode ser feita por indivíduos ou por grupos, sendo preferível que o indivíduo em questão esteja em contato, permutando informação e exemplares, com outros indivíduos, ou com grupos, envolvidos na tarefa.

Os grupos podem ser clubes filatélicos, escolares em cursos, tais como os de Ciências ou de História, ou equipes de pesquisadores trabalhando com o assunto.

Quais as fontes de amostras possíveis?

As fontes de carimbos se dividem em duas classes: carimbos atuais e carimbos antigos.

As fontes de carimbos antigos são:

- Filatelistas, colecionadores de selos brasileiros, que possam examinar os seus estoques de duplicatas à cata de carimbos legíveis;
- Pessoas que guardam correspondência antiga como recordação, relegadas a uma caixa ou a um baú;
- Pessoas que ouviram falar que selos têm um grande valor monetário, tendo juntado uma acumulação com grande esperança, mas que, quando descobrem que se trata de um mito sem fundamentos (a não ser que se trate de selos de lugares como Havaí de meados do século XIX), acabam jogando fora como no caso acima.

No caso de carimbos atuais, as fontes são:

- Grandes casas comerciais, incluindo bancos, que recebem uma quantidade considerável de correspondência todo dia, e que, normalmente, mandam os envelopes para o lixo ou para o fogo. Às vezes, nem sempre, estes bancos ou casas comerciais têm um entendimento com algum comerciante filatélico que compra os selos comemorativos, e os de alto valor facial, no papel e pelo quilo, para revender no exterior. Mesmo estes desprezam os selos comuns.
- Repartições públicas nas capitais e centros regionais, que trocam grande quantidade de correspondência com as repartições espalhadas no interior do seu Estado, especialmente de Educação, Saúde, Fazenda, e as que tratam com as prefeituras no interior. Estas são as melhores fontes para acumular carimbos de todos os municípios do interior do Estado, e em cada repartição, todo dia, vão quilos e mais quilos desse material para o fogo.

- Empresas comerciais que promovem concursos pela televisão, pedindo ao público para mandar uma carta com um formulário ou embalagem de produto, para concorrer a prêmios. Estes recebem grande quantidade de cartas em nível local e até nacional.

Como fazer a captação?

Alunos de cursos de História ou de Ciências podem ser orientados pelos seus professores para procurarem amostras na própria casa, em casas de amigos e em pequenos negócios e repartições do seu conhecimento, para depois organizar, analisar e catalogar tudo, com vistas a depois encaminhar para os pesquisadores. Este é um exercício em procedimento científico, podendo-se fornecer orientação para os professores sobre a metodologia científica e, especificamente, a arqueológica.

Os alunos podem ser orientados para coletar não somente amostras mas, também, informações, sobre as datas mais antigas e mais recentes encontradas em qualquer tipo particular de carimbo, para poder mapear o seu trajeto histórico. Para quem tem como fazer perguntas aos velhos moradores, na coleta da memória viva, incluem:

- ✓ Quando foi criado o seu Município?
- ✓ Quando começou a funcionar o Correio na sua cidade?
- ✓ Sempre funcionou no mesmo lugar, ou houve outros locais no passado? Quando?
Existem fotografias?
- ✓ O nome da cidade foi mudado alguma vez? Quando? Qual foi(fossem) o(s) nome(s) anterior(es)? E de outras agências fora a Central?
- ✓ A sua cidade foi alguma vez servida por alguma forma de “condutor” ou “despacho” interurbano? Quando? Esse teve carimbo próprio?

Para membros de clubes filatélicos, o clube pode (a) organizar uma comissão para estudo de carimbos do seu Estado ou região, trocando informações com outros grupos semelhantes; (b) filatelistas mais avançados podem oferecer prêmios aos jovens que

trazem mais carimbos ao clube (talvez através de “gincanas”), e promover o seu estudo. O próprio clube pode iniciar sua própria coleção e manter intercâmbio de informações com outros.

De fato, as pessoas, especialmente os jovens, nos clubes filatélicos, podem ser encorajadas a colecionar e estudar carimbos postais, pois, como é uma matéria que não tem valor comercial, possibilita pessoas sem recursos financeiros colecionar.

Muito importante é (c) as pessoas e os grupos, ao estudarem este aspecto do nosso patrimônio, escreverem e publicarem artigos para jornais, baseados nos seus estudos e análises, com vistas a informar o público e estimular o interesse na preservação desse patrimônio, solicitando salvar e encaminhar o material de carimbos aos grupos de estudo em vez de ao lixo.

Finalmente, (d) a preservação deste patrimônio negligenciado deve ser garantida, protegendo-o dos cupins, traças e baratas, e de qualquer eventual destruição por parte de pessoas que não entendem da sua importância como patrimônio público. Não há nada contra filatelistas colecionar carimbos postais, pois isto também ajuda na sua preservação. Mas as melhores coleções devem ter como destino os museus, onde ficam ao alcance do público para fins científicos e educativos. A nossa coleção particular, por exemplo, vai para um museu que tem infra-estrutura para garantir a sua preservação. Certamente os nossos herdeiros não vão querer continuar a pesquisa, pois quem entre eles pesquisa já tem outros fenômenos na mira. Todo o nosso trabalho ficaria perdido se não tomássemos tal providência..

O museu deve ser o repositório e guardião de testemunhos históricos e patrimoniais, que seriam perdidos, ou desgastados, até tornados irreconhecíveis, se estiverem em mãos de indivíduos isolados. Dentro da vitrina, informam-nos sobre um determinado momento da história cultural do nosso povo.

O museu não deve ser apenas um quarto de despejo para jogar coisas que ninguém mais quer. Deve ser o repositório de amostras da cultura dos nossos antepassados, apresentada sistematicamente. Coleções de selos e de carimbos já têm, depositados em museus como o Museu Postal da ECT em Brasília, o setor filatélico do Museu Paulista, e no Museu Nacional. Tais setores devem ser adicionados a outros museus.

Citando de novo a museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta (*ibid.*),

O crescimento, o enriquecimento, o amadurecimento de um indivíduo só é possível em relação ao passado, onde se acumulam as experiências vividas (...) Esta experiência tem que ser concreta, não pode ser abstrata, ou não é experiência, não é vivência. Os museus, os monumentos e demais bens patrimoniais possibilitam ao indivíduo uma experiência concreta de evocação do passado. E se não for assim, não há o menor sentido em acumularmos objetos em museus ou preservarmos os monumentos da destruição.

Esperamos poder juntar todas essas informações para fazer exposições nos museus locais, exposições para agências do Correio, prefeituras, colégios, e para circular no interior entre agências do Correio ou colégios.

Precisamos abrir canais de comunicação com a população em geral. No Rio Grande do Norte, por exemplo, ao trabalhar juntamente com o Núcleo de Resgate e Preservação da Memória Popular do Rio Grande do Norte (dos Departamentos de Antropologia e de História da UFRN) e a Diretoria Central dos Correios do mesmo Estado, devemos solicitar aos Chefes de Agências e Postos de Correios, e aos professores e alunos de História e de Ciências dos colégios locais, colaboração, isto através do fornecimento de informações e de impressões de carimbos atuais e antigos.

Solicitar também a colaboração de pessoas interessadas na recuperação da memória histórica e viva da sua cidade e região – educadores, historiadores, jornalistas, estudantes, filatelistas e o povo em geral. Precisa-se de informações, e queremos (ao menos ver) envelopes velhos com carimbos, com ou sem selos, para fazermos cópias. Uma atividade interessante seria que pesquisadores da UFRN e outras pessoas (p. ex., os

motoristas), em viagens oficiais e particulares para o interior do Estado, recebessem autorização para fazer rápidas “paradinhas” nas agências dos Correios das cidades do interior pelas quais atravessam, deixando “cartas” auto-endereçadas, para os Correios locais carimbar e encaminhar. O bom desempenho deste trabalho pioneiro não pode ser alcançado sem a ajuda de todos.

Notas

O Chi-Quadrado é uma medida estatística do nível de significado do fenômeno observado, ou seja, da probabilidade do fenômeno acontecer. O cálculo de chi-quadrado (χ^2), é feito assim, onde

$$\chi^2 = \frac{(f_o - f_e)^2}{f_e} \quad \text{onde } f_e = \frac{N_1 \times N_2}{\Sigma N}$$

sendo que f_o significa a freqüência observada de ocorrência do fenômeno, f_e sendo a sua freqüência esperada; ΣN sendo o total da amostra de carimbos sendo estudados. No cruzamento de freqüências, N_1 significa o total do primeiro parâmetro sendo comparando, e N_2 sendo o do segundo. Para quem quiser maiores informações, existem muitos livros de texto sobre a probabilidade (no caso, Estatística Não Paramétrica) que tratam de χ^2 .

Referências

- ALMEIDA, Cícero A. F. **Carimbos Postais Século XIX**. Rio de Janeiro: Museu Postal, 1989.
- AYRES, Paulo. **Catalogo de Carimbos (Brasil – Império)**. São Paulo, 1937
- BARNETT, H. G. --- Invention and Cultural Change. Reimpresso de **American Anthropologist** vol. 44, 1942, p. 14-30; pelo Bobbs-Merrill Reprint Series in Social Sciences.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J. **Princípios de Lingüística geral**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964. 4^a ed.
- MILLER, Tom O., Jr. Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil. **Pesquisas**, Antropologia nº 21, 1969. Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, São Leopoldo.

- _____. Arqueologia da Região Central do Estado de São Paulo in, **Dédalo, Revista de Arqueologia e Etnologia**, No. 16, pg. 13-118, São Paulo, 1977. (A página título leva a data de 1972).
- _____. **Métodos e técnicas de Pesquisa nas Ciências Antropológicas**. Natal, Editora Universitária, 1991.
- _____. **Carimbos Postais do Brasil**: Parte 1, Manual para a classificação dos Carimbos; Parte 2: Carimbos Vistos do Rio Grande do Norte. Natal: Edição Artesanal, 2001
- _____. **Proposta de Manual e Programa para Salvaguardar a Memória Patrimonial do Povo do Rio Grande do Norte**. Natal, UFRN, trabalho apresentado a Mesa Redonda sobre a Memória Patrimonial, 1998.
- PARREIRAS HORTA, Maria de Lourdes. **Educação Patrimonial**. Apostila. s.d.
- PETRUCCI, Victor A. **Carimbos Postais Brasileiros**: Fascículo 1. São Paulo, 1984.